

ENTREVISTA | CÍCILIA KROHLING PERUZZO

FAZER PESQUISA

PODE – E DEVE – SER

PRAZEROSO

A pesquisadora fala da importância de se desenvolver o espírito científico na graduação | *Marisa Cardoso*

Fotos: Cícero Rodrigues



R

Referência nacional e latino-americana em comunicação popular, alternativa e comunitária, a professora e pesquisadora Cílicia Krohling Peruzzo dedicou boa parte da sua vida acadêmica a estudar e apontar caminhos de sua área de atuação a serviço da construção da cidadania.

Natural de Santa Maria, no Espírito Santo, Cílicia, que é doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, reside na capital paulista, é professora visitante do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e investigadora colaboradora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Braga, em Portugal.

A pesquisadora dirigiu importantes entidades da sua área de atuação, entre elas a presidência da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom. É autora dos livros *Relações Públicas no Modo de Produção Capitalista*; *Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania*; e *Televisão Comunitária: a participação cidadã na mídia local*. Publicou também diversos artigos em revistas nacionais e no exterior e organizou várias coletâneas de comunicação.

Uma dessas coletâneas mais recentes é o livro *Arte y Oficio de la Investigación Científica: cuestiones epistemológicas y metodológicas*, organizado juntamente com o pesquisador mexicano Jorge A. González, com apoio do Ciespal, o Centro Internacional de Estudos Superiores para a América Latina. Nesta entrevista, Cílicia Krohling fala sobre essa obra, que, como dizem os organizadores, pretende chamar a atenção para o fato de que a investigação científica não é algo apenas extremamente técnico, aborrecido e assunto de pessoas excêntricas. Ao contrário: apesar de exigir esforço, dedicação, seriedade e técnica, a pesquisa pode e deve ser prazerosa.



Além da falta de recursos, quais os principais desafios de se fazer pesquisa hoje no Brasil?

A escassez de recursos para a pesquisa científica tem aumentado ano a ano no Brasil, o que realmente afeta ainda mais a área das ciências sociais aplicadas devido a sua participação ser historicamente menor na distribuição dos recursos pelas agências de fomento. Desse modo, um dos desafios é ampliar a participação nas verbas mediante a apresentação crescente de propostas relevantes de pesquisa, evidenciando a importância dessa área para a sociedade. Mas, outros desafios à pesquisa no Brasil são, por um lado, o seu reconhecimento público como estratégia de desenvolvimento da Nação, para que possa corresponder às necessidades de conhecimento capazes de subsidiar políticas públicas de interesse social. Por outro lado, outro desafio estratégico é desenvolver o espírito científico nas universidades que, pelo menos no campo da Comunicação Social, privilegia o ensino profissional em detrimento da pesquisa e da extensão.

*Seu livro *Arte y Oficio de la investigación científica: cuestiones epistemológicas y metodológicas*, organizado juntamente com Jorge González, defende que a investigação científica pode ser prazerosa e criativa. O atual modelo de formação universitária no país contribui para esta percepção do jovem pesquisador?*

Pelo que conheço, o atual modelo de formação universitária nos cursos de graduação, com raras exceções, age na direção contrária dessa premissa. Além de pouco incentivar a pesquisa científica, menospreza a formação em métodos e técnicas de pesquisa científica, além de transmitir uma visão parcial da mesma como algo “chato”, porque é metódico, e que não “dá emprego”, leia-se dinheiro. Os métodos e técnicas são a base da pesquisa científica, a diversidade deles permite escolhas segundo as problemáticas e os objetivos com os quais se trabalha. Quando as escolhas objetivas são feitas segundo o interesse de quem investiga em conhecer um fenômeno, e não por imposição de alguém, a investigação científica agrega o fator curiosidade com mais clareza, tornando a pesquisa algo prazeroso, algo que se faz com gosto e interesse pela possível descoberta. Por outro lado, a criatividade é o bálsamo da pesquisa científica, pois inspira o novo, novos achados e (re)criações metodológicas.

Essa obra defende, ainda, que a pesquisa não deve ser algo individualizado e voltado para a interioridade do cientista, mas resultado de uma coletividade. O trabalho individualizado é uma cultura no Brasil e na América Latina como um todo?

O trabalho individualizado de pesquisa faz parte da cultura científica em diferentes países

e continentes, portanto não é algo específico do Brasil e de outros países latinos. É um processo decorrente, às vezes, da falta de condições na formação de grupos de pesquisa, bem como das especificidades objetivas que não despertam o encantamento de co-realizadores dependendo do ambiente acadêmico que se insere o pesquisador(a). Contudo, em outra perspectiva, há um clima no mundo acadêmico que favorece a individualização da pesquisa. Constroem-se ao longo do tempo visões epistemológicas da ciência que a toma como algo centrado no(a) pesquisador(a) em razão de sua capacidade racional de “ver” e entender o objeto estudado e assim chegar ao conhecimento – vertente epistemológica apriorística, ou que se chega ao conhecimento por meio da aplicação de métodos e técnicas científicas objetivas capazes de “descobrir” o conhecimento contido do objeto, vertente ligada ao empirismo. Essas visões têm o potencial de inspirar a geração de “obeliscos” do saber, seja pela competência da razão ou pelo domínio do saber técnico-metodológico, em torno dos quais os aspirantes a esse status circulam. Nesse cenário há competição declarada ou velada e/ou circula o medo de que alguém possa “roubar” ideias, o que vai favorecendo a reprodução das lógicas de isolamento. Processo bastante comum que atinge estudantes de mestrado e doutorado. Há um descompasso nesse sentido nas práticas de certos grupos de pesquisa, em nível internacional, quando as lideranças são centralizadoras, para não dizer dominantes, e não favorecem a formação de “comunidades” de investigação colaborativas em condições de igualdade. Agrega-se a tudo isso, as políticas universitárias dos programas de pós-graduação e das agências de fomento à pesquisa quando impositivas de padrões temáticos e de níveis de produção e difusão científica que vão alimentando mecanismos competitivos entre pesquisadores e entre instituições.

O livro *Arte e Ofício da Investigação Científica*, que organizei junto com o pesquisador mexicano Jorge González, procura mostrar que há outros modos e caminhos para se avançar na pesquisa

científica, com rigor sim, mas com leveza e de modo criativo. Podemos produzir conhecimento mais e melhor mexendo com a cultura científica impregnada dos aspectos antes discutidos, de modo a criar uma nova cultura científica, aquela que reconhece o trabalho investigativo cooperativo entre *nosotros*, em cujo processo é possível haver cooperação e partilha de saberes -sempre em construção – em benefício de todos.

Você menciona no seu artigo, nesta obra, que há um modo próprio de ver e conceber a ciência e de gerar conhecimento científico na América Latina, desde as últimas quatro décadas do século passado. Qual seria esse método e quais os benefícios para a comunidade investigada?

Eu me referi à pesquisa participante que tem vários matizes metodológicos, entre eles a pesquisa-ação participativa, que representou uma opção político-científica de colocar a ciência a serviço dos grupos populares e do interesse público. A pesquisa-ação é um tipo de investigação que pressupõe a participação dos investigados no processo de planejamento e realização da pesquisa. Permite reconhecer o ambiente pesquisado como “sujeito” e não mero objeto, além de favorecer a geração e partilha do conhecimento durante todo o processo de pesquisa, portanto, não restrito à divulgação dos resultados quando ela é concluída. É o tipo de pesquisa que reconhece a possibilidade de construção do conhecimento na relação sujeito-objeto-sujeito. Não defende a neutralidade, mas é rigorosa e capaz de gerar conhecimento científico assim como outros métodos igualmente válidos.

Essa forma de se fazer pesquisa é diferente em outros continentes?

Não domino a informação capaz de generalizar sobre as práticas de pesquisa-ação em outros continentes, mas existe boa bibliografia internacional sobre essa modalidade de pesquisa, o que pode ser um indicativo de que não se trata de um tipo de pesquisa característico da América Latina. O que eu tentei mostrar no capítulo a que se referiu é que a pesquisa-ação ganhou ampla repercus-

são na América Latina em determinado período histórico e que construiu todo um arcabouço teórico e metódico que a coloca num patamar de pesquisa capaz de gerar conhecimento de terceira geração, um nível elevado de interpretação da realidade comprometido com as transformações sociais. Contudo, é bom que se tenha claro que a pesquisa participante, por exemplo, na modalidade observação participante, nasceu, pelo que registra a bibliografia que aqui circula, na Europa, bem como outras vertentes metodológicas da pesquisa-ação.

Em que medida esta pandemia do coronavírus evidenciou ainda mais a necessidade de se trabalhar em rede na pesquisa para produzir resultados ágeis e eficientes? Como vê essa questão?

Sim, a pandemia do coronavírus evidenciou, por um lado, o papel e a importância da ciência para as sociedades e o mundo, apesar de haver aqueles que a desacreditam, mas pertencendo ao mesmo segmento que defende que a terra é plana, não há muito com que se preocupar. A pandemia que assolou o mundo com uma doença - Covid-19 -, ainda sem vacina capaz de evitá-la e curá-la, despertou a compreensão da sociedade sobre a potencialidade da ciência e sua relevância em termos de interesse público. Possivelmente, nunca a expectativa por respostas positivas da ciência na criação de vacinas esteve tão em alta, gerando, inclusive, maior inversão de verbas para financiar as investigações. Por outro lado, a necessidade pública do saber científico, o interesse de pesquisadores e de centros de pesquisa em avançar nas descobertas motivou a formação e (re)vitalização de redes nacionais e internacionais de pesquisa, o que é primordial, porque possibilita a troca e a socialização do conhecimento. Ganha a ciência, ganha a sociedade - que pode despertar para o sentido civilizatório nas relações socioinstitucionais, e ganham os povos das diferentes nações.

Em Minas Gerais foi criada a Rede Mineira de Comunicação Científica, que reúne as estruturas de comunicação de cerca de 20 instituições de ensino superior e de

“Quando as escolhas objetuais são feitas segundo o interesse de quem investiga em conhecer um fenômeno, e não por imposição de alguém, a investigação científica agrega o fator curiosidade com mais clareza, tornando a pesquisa algo prazeroso, algo que se faz com gosto e interesse pela possível descoberta”



pesquisa, com o objetivo de fortalecer a divulgação da ciência, tecnologia e inovação no Estado. Uma das constatações recorrentes entre os profissionais de comunicação que integram a entidade é a de que o pesquisador, de um modo geral, ainda tem dificuldade ou nem sempre percebe a importância de comunicar o seu trabalho à sociedade. De que forma isso contribui para o distanciamento entre a ciência e a população?

Essa problemática é antiga e real, porque a cultura acadêmica está mais voltada à preocupação em produzir conhecimento sem incluir a comunicação (visto como divulgação) dos resultados (descobertas) à sociedade como parte constitutiva do processo de pesquisa. Essa cultura prioriza a difusão dos resultados de pesquisa junto aos pares (leitores do campo científico) devido à “exigência” de validação de resultados pelos mesmos, o que ocorre através da publicação de artigos em periódicos científicos. Estes são destinados a públicos especializados e não são acessíveis à sociedade. Às vezes porque exigem pagamentos de taxas para acessá-los, mesmo estando disponibilizados na internet, mas, também porque a linguagem técnica impõe distância, mesmo de leitores universitários, e ainda mais de pessoas situadas fora do circuito acadêmico. Diante desse quadro, o jornalismo científico desempenha um papel primordial da divulgação da ciência, como o demonstrou durante a pandemia do coronavírus.

Gostaria de acrescentar que o de-

envolvimento tecnológico alcançado enquanto um bem público coletivo e universal traz uma riqueza imensa de possibilidades para a disponibilização da produção científica, acumulada por séculos e a recente, de modo a facilitar sua democratização através do acesso pleno e mundial. Apesar de distorções e conflitos entre o público e o privado no que diz respeito à divulgação científica, há premissa em alterar as mentalidades de quem faz pesquisa no sentido de aproveitar os potenciais que as tecnologias atuais oferecem para se comunicar também em outras linguagens - além dos pesados artigos científicos, tais como o som, o vídeo, imagens, blogs, perfis em redes digitais etc, com a sociedade, de modo a democratizar o saber científico e favorecer seu empoderamento social.

A ciência, que anda tão desvalorizada em vários países, especialmente no Brasil, deve ser reconhecida como uma prática para melhorar o mundo. Uma comunicação clara e efetiva poderia contribuir para a compreensão da sociedade com relação à importância da investigação científica?

Sim, sem dúvida a área da Comunicação – com suas especialidades no fazer jornalístico, das relações públicas, da publicidade social e no audiovisual - tem muito a contribuir para a compreensão dos processos e resultados da pesquisa científica pela sociedade, o que, além de valorizar a ciência, contribui para a apropriação dos achados científicos em benefício tanto dos grupos sociais quanto para a formulação de políticas públicas.

Está trabalhando em alguma obra específica atualmente?

Sim, estou trabalhando em duas obras, embora me falte tempo para concluí-las. Uma é uma coletânea de textos sobre comunicação popular, comunitária e alternativa nos processos de intervenção social em benefício da transformação social e ampliação do exercício da cidadania. A outra visa reunir resultados de uma pesquisa de quatro anos, realizada com o apoio do CNPq, por meio de bolsa de produtividade em pesquisa, que enfatizou a comunicação no contexto dos movimentos e organizações populares indagando sobre as estruturas e estratégias comunicativas e sobre como se revela a cultura da comunicação no contexto das práticas desenvolvidas por três movimentos sociais tomados como unidades de análise, quais sejam: o movimento comunitário de Heliópolis (São Paulo, capital), a cooperativa Copavi, do Assentamento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Paranacity, Paraná), e o Polo Sindical de Borborema (semiárido da Paraíba). A pesquisa não pretendeu fazer comparações entre as experiências, mas tão somente aprofundar na práxis de cada uma delas e observar como, apesar de contextos diferenciados, há aproximações em termos de condições socioeconômicas e na busca de soluções para os problemas a que estão submetidos segmentos da população local, além de observar tendências e as estratégias organizativas e comunicacionais desenvolvidas.